Portugueses ciganos. Quatro vidas que mostram que o futuro pode ser diferente

Um militar, uma antropóloga, um actor, um deputado municipal, quatro formas, a mesma luta: acabar com cinco séculos de anticiganismo

Ana Cristina Pereira (texto), Público, 8 de março de 2026

Enfrentam todos a mesma herança. Uma rapariga quer continuar a estudar e insinuam que o ensino superior não é para ela; um rapaz é eleito e chovem denúncias falsas; um homem é premiado e perguntam-lhe onde fica a "barraca"; outro decide assumir quem é e teme perder amigos.

Querem todos combater o anticiganismo. O militar que tinha vida dupla sai da sombra para que outros vivam sem medo; a mulher a quem negaram a identidade torna-se na primeira antropóloga cigana portuguesa que estuda ciganos portugueses; o homem que levou a vida a contracenar com a desigualdade está a fazer cinema; o rapaz que enfrentou o preconceito entrou na política.

As acções de Renato Bernardino (1983) no presente estão orientadas para o futuro que imaginou. Nesse futuro, existe um Centro de Abertura a Linguagens e Lugares Outrora Negados – CALLON, acrónimo que remete para *calon*, o grupo étnico cigano mais presente na Península Ibérica.

Ainda há pouco, era impossível conceber que este sargento-ajudante do Exército desse a cara por um projecto desta natureza. Fardado ou à civil, não falava das suas pertenças étnicas. Engolia "muitos sapos" para não as revelar.

Na rua, nos restaurantes, nos cafés, ouve as conversas alheias. "Alguém diz que os ciganos são isto, são aquilo, são todos a mesma coisa e temos de ficar calados. Ou escolhemos ficar calados. No meu caso, escolhi ficar calado."

Cresceu em Benedita, Alcobaça. Não havia uma comunidade cigana por ali. A mãe não era cigana, embora tivesse adaptado os usos e costumes da família do marido. O pai viera da Nazaré. A distância privava-o do convívio assíduo com a família paterna, mas abria-lhe a hipótese de passar despercebido.

Viu que poderia ter uma vida dupla. Em família, vivências do grupo minoritário. Fora da família, vivências da sociedade maioritária. Na primária, a "barreira" ainda era permeável. Os pais faziam feiras e, quando não tinha aulas, levavam-no. Assíduo, pontual, obtinha boas notas. "Nem parece cigano", diziam-lhe.

Aquelas palavras, ditas em jeito de elogio, "marcam profundamente". "Foi ficando mais camuflada a minha origem", conta. Não queria que o colassem a preconceitos com raízes históricas tão profundas que são repetidos sem pestanejar. Quem desejaria que se pensasse que não queria estudar, que não queria trabalhar, que representava um problema de segurança para os outros, que tinha costumes incompatíveis com as leis nacionais?

Convivendo com pessoas de vários estratos sociais, pôs-se a pensar em formas de escapar à pobreza e ao estigma. "O Exército era um elevador social e servir era positivo. Queria servir a sociedade, servir o país." Concluiu o curso de sargento do Exército na área dos transportes e logística. Trabalhou em vários sítios.

Manteve sempre discrição. "Fiz esta escolha, talvez por conforto, talvez para ter opções mais viáveis para o meu desenvolvimento pessoal, social e até económico", reconhece. Dizia a si próprio:

“Vou deixar-me estar, vou fazer o meu trabalho; se alguém perguntar se sou cigano, vou dizer que sim, mas não vou fazer publicidade disso.”

Acreditava que, com o tempo, com a crescente escolarização da população portuguesa, os preconceitos dissipariam. Nos últimos anos, viu que não. O anticiganismo é estrutural. Com a ascensão do Chega, tornou-se mais explícito, *online* e *offline*. O discurso de ódio é ensurdecedor.

Está a criar quatro filhos: um rapaz de 17 anos e três de 11. Que futuro poderão ter? “É hora de rasgar os receios que tive enquanto jovem. Posso aproveitar todo o percurso que fiz até agora para dizer que pessoas como eu podem fazer coisas.”

Muitos dos que o conhecem nem sonham que tem este contexto familiar. Nem calcula como reagirão ao vê-lo, aos 42 anos, a dar a cara nestas páginas. A eventual rejeição de alguns já não o trava. Como diz a canção de Jay Livingston e Ray Evans, o que será, será.

Não o faz só pelos filhos. Não quer, daqui a uns anos, aproximando-se o fim da vida, olhar-se ao espelho e pensar: “Tiveste este percurso, és de origens ciganas e nunca fizeste nada para mudar a visão abjecta, menorizada, das pessoas ciganas. Os ciganos são vistos de forma homogénea. Quanto mais isso acontecer mais se conseguirá fazer deles bode expiatório. Teremos uma sociedade pior. Sempre quis contribuir para uma sociedade melhor.”

(...)

https://www.publico.pt/2026/03/08/infografia/portugueses-ciganos-quatro-vidas-mostram-futuro-diferente-888